

Pathos, ethos e logos no discurso religioso de Charlie Hebdo

Pathos, ethos and logos in Charlie Hebdo's religious discourse.

Gilnedes Alves da Silva Lani¹

Antonio Wallace Lordes²

Resumo: O jornal Charlie Hebdo ganhou notoriedade mundial em decorrência do seu envolvimento em polêmicas, as quais culminaram em atentados promovidos por grupos extremistas islâmicos. Com um humor peculiar, o teor dos efeitos de sentido gerados pelas charges de Charlie Hebdo atinge todos os estratos da sociedade, especialmente aqueles ligados à posição direitista, cujas ideologias se contrapõem ao posicionamento esquerdista do jornal. A charge, tomada neste trabalho como gênero discursivo, serve como chamariz aos assuntos discutidos ao longo de toda a composição redacional do periódico. Sob um jogo de estratégias em busca de adesão do discurso, estão envolvidos fatores de ordem linguístico-discursivas os quais são orientados pelos estados emotivos dos enunciadores de Charlie Hebdo. Deste modo, neste trabalho, considera-se que o pathos, o ethos e o logos se realizam na mise en scène discursiva como forte estratégia de captação, oriunda de sujeitos intencionais e racionais que, em prol de um projeto linguageiro, buscam manter sua legitimidade e credibilidade e persuadir o outro. Diante desta dinâmica, supõe-se que os enunciadores de Charlie Hebdo, por um lado, influenciam o surgimento de uma tópica de emoções negativas como raiva, revolta, tristeza, indignação e, por outro, emoções positivas como orgulho, alegria, senso de justiça, empatia, etc. em seu público. Diante do exposto, nosso arcabouço teórico em relação às provas

Artigo recebido em: 23 de jan. de 2023

Aprovado em: 08 de fev. 2023

¹ Mestranda em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória; Especialista em Psicopedagogia pela Universidade Cândido Mendes- RJ e em Gestão Integradora: Administração e Supervisão Escolar pela Faculdade Castelo Branco. Professora e Supervisora na EMEIF Ernesto Corradi.

² Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. E-MAIL: wallace_lds@hotmail.com

retóricas concentra-se em Amossy (2007; 2008; 2017; 2018), Charaudeau (2006b; 2010), Maingueneau (1997; 2008a; 2015) e Plantin (2011a).

Palavras-chave: Charlie Hebdo; pathos; ethos; logos; Análise do Discurso.

Abstract: The Charlie Hebdo newspaper gained worldwide notoriety as a result of its involvement in controversies, which culminated in attacks promoted by Islamic extremist groups. With a peculiar humor, the content of the effects of meaning generated by Charlie Hebdo's cartoons reaches all strata of society, especially those linked to the rightist position, whose ideologies are opposed to the leftist position of the newspaper. The cartoon, taken in this work as a discursive genre, serves as a decoy to the subjects discussed throughout the editorial composition of the periodical. Under a set of strategies in search of discourse adherence, linguistic-discursive factors are involved, which are guided by the emotional states of the Charlie Hebdo enunciators. Thus, in this work, it is considered that pathos, ethos and logos are realized in the discursive *mise en scène* as a strong capture strategy, originating from intentional and rational subjects who, in favor of a language project, seek to maintain their legitimacy and credibility and persuade the other. Given this dynamic, it is assumed that Charlie Hebdo enunciators, on the one hand, influence the emergence of a topic of negative emotions such as anger, revolt, sadness, indignation and, on the other hand, positive emotions such as pride, joy, sense of justice, empathy, etc. in your audience. Given the above, our theoretical framework in relation to rhetorical proofs focuses on Amossy (2007; 2008; 2017; 2018), Charaudeau (2006b; 2010), Maingueneau (1997; 2008a; 2015) and Plantin (2011a).

Keywords: Charlie Hebdo; pathos; ethos; logos; Discourse Analysis.

Introdução

A estrutura temática das charges do jornal Charlie Hebdo sempre esteve alicerçada em temas diversos, os quais podem ser recobrados pelo contexto sócio – histórico – político mundial. Embora o jornal seja escrito para qualquer leitor, seu alvo primordial é o público francês. Sua abordagem e, especialmente, suas charges são provocativas e “mexem na ferida” de vários grupos político-sociais, ligados muitas vezes à religião. Ciente de um ethos³ leviano oferecido ao público, o jornal, em um tom de ironia, sinaliza em sua capa, charge nº 06 (cf. anexo), a partir da edição 1058, de 26/09/2012, o teor de

³ Ao longo deste trabalho, as palavras *ético* e *ethótico* (e suas flexões) serão utilizadas como derivação e correlata de *ethos*.

seu conteúdo afirmando ser um journal irresponsável (jornal irresponsável).

As charges externas (seus chamarizes) ocupam a capa do periódico de maneira atraente (além da caricatura de personalidades, há o uso de cores fortes e outras características não verbais) e remetem a textos internos do jornal. Todavia, nossa análise restringe-se às charges de capa relacionadas à religião, pois consideramo-las mais impactantes e, segundo nossa percepção e pesquisa, causaram mais polêmica, replicando discursos inflamados ao redor do mundo. Como manifestação textual, no âmbito deste artigo, consideramos a charge um gênero do contrato midiático, segundo Charaudeau⁴, afinado com os acontecimentos do cotidiano, ou seja, com uma visada informativa (fazer-saber) e, ao mesmo tempo, uma visada persuasiva (fazer-fazer).

Orientados pela dinâmica dessas visadas, nossa análise, portanto, baseia-se em um arcabouço teórico que nos faz refletir sobre como as relações discursivo-enunciativas cotidianas e o fenômeno da patemização⁵ estão interligadas de maneira a produzir efeitos de sentido variados de modo que a instância de comunicação proponente do ato procure tocar no afeto do auditório. O objetivo é tratar da discursivização⁶ das emoções nos enunciados que compõem as charges (de capa) de *Charlie Hebdo*, jornal francês cujo projeto de fala, ao que parece, é atingir (tocar patêmicamente?) pessoas de diversos setores da sociedade.

Com o avanço da perspectiva interacionista nos estudos da linguagem, as emoções deixaram o binômio racionalidade versus emoção, de certo modo, em segundo plano. Isso porque a percepção da manifestação das emoções no discurso (falado ou escrito) entendidas como orientadoras do processo de comunicação tornou-se uma tônica cada vez mais defensável. O homem é um ser emocionante e emocionado. Nossas relações cotidianas estão repletas de paixão (que modificam nosso estado da alma, como diria os cartesianos). É natural que essa característica humana se imprima nos mais variados discursos e, por extensão, se materialize nos mais variados gêneros.

Contudo, é discutível que alguns gêneros de discurso incitem mais a presença de índices patêmicos do que outros: uma nota de falecimento tem maior probabilidade de emocionar do que uma bula

⁴ CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006b.

⁵ Esta e outras palavras como *patêmico*, *patemia*, *patético* (e suas flexões) serão utilizadas neste trabalho como derivadas e correlatas da palavra *pathos*.

⁶ No âmbito da discursivização, serão considerados os estratos verbal e não-verbal.

de remédio! (embora esta não esteja isenta de suscitar emoções e aquela pode não emocionar). Portanto, a potencialidade de patemias⁷ pode ser amplamente encontrada em textos dos mais diversos teores (do científico ao literário), em situações bem diferentes e aleatórias.

Ademais, a repercussão desse tipo de discurso que, no caso do jornal analisado, possui traços de polemização⁸, vem causando, nas últimas décadas, reações adversas por parte do público. Uma breve consulta pelos mais diversos sites de notícias disponíveis e outros veículos de comunicação impressos pode ratificar esta assertiva. Assim, considerando o cenário polêmico que se instaurou nos últimos anos na França por conta das publicações do semanário *Charlie Hebdo*, principalmente depois dos atentados à sua sede, podemos levantar a hipótese de que a escolha do corpus, somada às investidas provocativas do jornal, já predispunham uma gama de emoções no universo enunciativo do veículo e um perfil ethótico dos envolvidos.

Em certa medida, as possibilidades de patemização evocadas pelas charges se devem, assim, ao ethos e a seus desdobramentos. Um deles trata da atribuição de características ethóticas à imagem dos enunciadores, as quais antecedem a leitura do jornal, ou seja, existe a construção de um ethos pré-discursivo, Maingueneau⁹, proveniente de alguns fatores pré-estabelecidos tanto pelo tipo de gênero discursivo no qual as charges se enquadram, até sua estruturação temática, ou seja, os assuntos abordados em sua cotidianidade, além, é claro, do DNA subversivo que permeia a história de *Charlie Hebdo*.

Todavia, em seu bojo da incitação à polêmica há um discurso inflamado em busca de adesão, mas que coleciona dissabores de várias comunidades discursivas, principalmente aquelas ligadas à diferentes religiões. Assim nos limitaremos a delinear a charge como proposta textual-discursiva que suscita emoções e movimentos discursivos específicos no âmbito religioso.

Portanto nossa dinâmica de análise será pautada por meio de mecanismos teóricos específicos, a fim de deslindar como os efeitos patêmicos incidem sobre o corpus chárgico. Assim, todo o trabalho empreendido nas análises contempla uma dinâmica retórico-argumentativa e sócio-discursiva, com base no tripé aristotélico. Optamos por tratar os dados da patemia por representarem uma

⁷ Essa questão está alinhada aos pressupostos teóricos de Charaudeau (2010) o qual expõe as marcas-traços do patêmico, ou seja, como as emoções podem ser demonstradas pelo emprego de certas palavras, mas também quando elas não têm nenhum traço patêmico, e mesmo assim patemizam.

⁸ O conceito de polemização aqui encontra sua base teórica em Amossy (2017).

⁹ MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do *ethos*. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (orgs.). *Ethos Discursivo*. São Paulo: Contexto, 2015, p. 18.

visada crucial na dinâmica de captação do discurso chárstico. Em segundo lugar, essa visada nos leva aos outros procedimentos de análise de forma interligada, já que a crença de que as emoções estão no cerne da comunicação linguística com efeito argumentativo parece ser uma tônica nos estudos discursivos atuais. Plantin¹⁰, por exemplo, ao teorizar sobre a importância do ethos afirma que “[...] o ethos possui uma estrutura patêmica”¹¹.

Portanto, ao iniciarmos nosso procedimento de análise pelo viés emotivo, afastamos a possibilidade de se fazer uma análise sedimentada e em vez de trabalharmos as emoções “em detrimento” das outras categorias, vamos trabalhá-las “de forma integrada” às outras categorias. Além disso, essa primazia do pathos sobre as outras provas retóricas vai se equilibrando à medida que o tratamento dado à palavra (o logos) e às imagens dos participantes (ethos) da cena comunicativa vão tomando corporeidade e se legitimando ao longo deste trabalho.

Esse movimento de análise integrada ocorrerá da seguinte maneira: para a análise das emoções, seguimos suas pistas, principalmente, através do logos, partindo do ponto de vista do emissor (proponente do ato). Nesse contexto, não perderemos de vista que as categorias patêmicas abrangem um movimento complexo de manifestação podendo gerar efeitos visados, pretendidos, supostos, produzidos. Para atingirmos este objetivo, levaremos em conta também a imagem que os locutores fazem de si e do outro, além do ethos que os precedem, é claro. Todos esses possíveis interpretativos serão levados em conta na hora da análise.

Para a composição do corpus, optamos pela coleta de 12 charges (cf. anexo), publicadas entre o período de fevereiro de 2006 e agosto de 2017. Esse recorte temporal se deve ao fato de que, segundo nossa percepção, a manifestação de patemias se tornou mais evidente e mais agressiva no período referido, uma vez que os acontecimentos que se desenvolveram nessa época estimularam um tom mais patêmico e, por consequência, mais persuasivo do jornal.

A respeito do teor de captação dos textos que compõem o corpus, apoiados nas reflexões de Plantin e Charaudeau¹², levantamos a hipótese de que é possível usar racionalmente os mecanismos linguísticos e direcioná-los a uma visada patêmica, com

¹⁰ PLANTIN, Christian. As razões das emoções. In: MENDES, Emília; MACHADO, Ida Lucia (orgs.). *As emoções no discurso*. v. II. Campinas: Mercado das Letras, 2010, p. 30

¹¹ No original: “L’éthos a une structure pathémique.”

¹² CHARAUDEAU, Patrick. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: MACHADO, Ida Lucia; MENDES, Emília (orgs.) *As emoções no discurso*. v. 2. 2010, p. 23-56.

intenção argumentativa. Essa assertiva e o arcabouço teórico no qual nos apoiamos ao longo deste artigo nos leva a algumas questões: Quais os efeitos patêmicos e éticos visados, supostos, sugeridos nas instâncias de comunicação que compõem os proponentes das charges? Quais os efeitos argumentativos sugeridos pelo logos? Tais questões nos direcionam à seguinte problematização: Qual é a dinâmica discursiva que subjaz aos textos das charges do jornal de Charlie Hebdo e que está relacionada às provas retórico-discursivas: pathos, ethos e logos?

Nossa proposta e reflexões nos levam a uma perspectiva de efeitos e desdobramentos que serviram de pano de fundo para as teorizações nas ciências da linguagem, especialmente aquelas cujos alicerces perpassam uma perspectiva psico-sócio-linguagreira. Passemos às contribuições teóricas que alicerçam este trabalho.

1. Pressupostos teóricos sobre o pathos, ethos e logos

Ao abordarmos as emoções (*pathos*) e seus desdobramentos, embasamo-nos em Charaudeau¹³. Como fundamentação teórica do *ethos*, teremos como referências Maingueneau^{14 15}. E, por fim, ao falar do *logos*, nossa base teórica será Amossy. Salientamos que, se por ventura, um ou outro desses conceitos se sobressair em alguns pontos de nosso texto, isso se deve à eminência pontual na qual o conceito está sendo discutido. Portanto, essa prioridade é apenas momentânea, uma vez que na dinâmica que rege nossa percepção global e, por extensão, este artigo, o *pathos*, o *ethos* e o *logos* são indissociáveis e consubstanciais.

Como instrução metodológica, após definir um quadro discursivo para o tratamento das emoções na análise do discurso, Charaudeau resume suas problematizações e elenca três critérios para análise das emoções no discurso: o primeiro refere-se à determinação do objeto do tratamento discursivo, ou seja, como garantir o sucesso da correspondência da visada emotiva com aquilo que o sujeito realmente está sentindo; a segunda refere-se à organização do campo temático, isto é, tratar dos critérios para a classificação dos tipos de

¹³ Charaudeau, 2010, p. 23-56.

¹⁴ MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Editora Pontes, 1997.

¹⁵ MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do *ethos*. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (orgs.). *Ethos Discursivo*. São Paulo: Contexto, 2015, p. 11-29.

emoção e como elas incidem na situação de comunicação; e a terceira refere-se às marcas que poderiam funcionar como traços de emoção, ou seja, na linguagem verbal como as emoções manifestam-se.

Na primeira problemática, sobre a determinação do objeto do tratamento discursivo, Charaudeau põe em xeque a autenticidade das emoções sentidas pelo sujeito. O autor enfatiza que a análise do discurso não dispõe de meios metodológicos para garantir o efeito da emoção no destinatário. Para reforçar sua tese, ele cita Elster¹⁶ que por sua vez faz a seguinte ponderação:

Não sei se os outros veem as cores como eu, nem se suas emoções são as mesmas que as minhas. Será que quando vivenciam a vergonha, eles sentem o que sinto quando vivencio a vergonha? Não podemos responder à questão; é até mesmo possível que ela não tenha nenhum sentido.¹⁷

Charaudeau levanta outras possibilidades: como podemos comprovar a sinceridade e a autenticidade da emoção do outro? A emoção pode ser simulada, controlada, dominada, omitida, encenada. As manobras não param por aí: segundo Charaudeau, podemos emocionar sem querer fazê-lo, ou querendo fazer, podemos não conseguir. Enfim, uma gama de possibilidades que nos orienta a não ter certeza se as emoções podem realmente provocar um estado emocional no outro.

A segunda questão que Charaudeau nos coloca, que diz respeito à organização do universo patêmico, é que as emoções podem ser classificadas seguindo alguns critérios, de acordo com a intenção do analista. Para exemplificar, o autor baseia-se em Livet¹⁸, apontando as seguintes possibilidades: grau de generalidade das emoções, distinguindo aquelas que têm caráter mais universal (a cólera) e aquelas que têm um caráter mais específico relacionado ao contexto

¹⁶ ELSTER, Jon. Rationalité, émotions et normes sociales. In: PAPERMAN, Patricia.; OGIEN, Ruwen. (orgs.) *La couleur des pensées: sentiments, émotions, intentions*. Paris: Ehes, 1995, p. 39.

¹⁷ No original: “Je ne sais pas si les autres voient les couleurs comme moi, ni si leurs émotions sont les mêmes que les miennes. Quand ils éprouvent de la honte, ressentent-ils ce que j’éprouve quand j’ai honte? On ne peut pas répondre à la question; il se peut même qu’elle n’ait aucun sens.”

¹⁸ LIVET, Pierre. Évaluation et apprentissage des émotions. In: PAPERMAN, Patricia.; OGIEN, Ruwen. (orgs.) *La couleur des pensées: sentiments, émotions, intentions*. Paris: Ehes, 1995, p. 119-143.

social (o pudor, a vergonha); grau de racionalidade segundo o julgamento social (a indignação perante uma injustiça); categorias também mais afetivas (tristeza, alegria), outras informativas (interesse, aborrecimento) e, ainda, aquelas de caráter apreciativo (ódio, cólera).

Entretanto, depois de apontar vários caminhos para a classificação, Charaudeau contrapõe esses critérios que, se forem combinados, dificultam a operacionalização. Isso acontece porque as emoções podem se sobrepôr e gerar um efeito adverso. A indignação, por exemplo, que tem uma base racional, pode desencadear uma manifestação de cólera não racionalizada. Além disso, a interpretação para as emoções pode variar conforme os contextos socioculturais que, por vezes, mudam o caminho percorrido pelo desencadeador ou indutor da emoção até o sujeito. Isso porque cada sociedade possui um código de comportamento (baseado nos imaginários sociais) mais ou menos estável de como reagir ao repertório de emoções segundo a situação.

O terceiro problema que Charaudeau nos apresenta tem a ver com as marcas-traços do patêmico, ou seja, como as emoções podem ser demonstradas pelo emprego de certas palavras, mas também quando elas não têm nenhum traço patêmico e mesmo assim, patemizam. De modo a tornar sua teorização mais operacional, Charaudeau a subdivide em três tipos de problemas, a saber:

Existem palavras que, de antemão, sugerem um alto grau de patemização, tais como medo, raiva, ódio, amor. Quando elas estão inseridas num contexto fortemente denotativo, ou seja, significam exatamente aquilo que sua forma lexical nos mostra, a relação com a visada patemizante é natural.

Existem palavras que não descrevem exatamente emoções, mas são potencializadoras de seu surgimento, pois pertencem a um campo semântico “vizinho”. Às vezes estabelecem uma relação hiperônima ou hipônima. A palavra “arma”, (hiperônima de revólver) e “assassinatos” (hipônimo de crime), por exemplo, pode nos abrir um campo patêmico de violência, medo, morte.

O terceiro problema apontado por Charaudeau diz respeito ao fato de existirem “enunciados que não comportam palavras patemisantes” e que, portanto, a princípio, não nos ofereceriam possibilidade de produção de efeito patêmico. Entretanto, pode acontecer de essas palavras produzirem tal efeito por estarem inseridas num contexto onde a patemia vai ser acionada por fatores contextuais dentro da situação de comunicação. Assim, palavras como “Basta!” encabeçando uma manifestação popular pode nos levar a patemias relacionadas à dinâmica discursiva dos movimentos

populares. É com base nesses três critérios que nos propusemos a analisar as charges de Charlie Hebdo seguindo as orientações de Charaudeau a respeito das emoções.

Finalizados os procedimentos teórico-metodológicos acerca das emoções segundo Charaudeau, passemos às contribuições teóricas de Maingueneau sobre o *ethos* discursivo.

2. Pressupostos teóricos sobre o *ethos*

Seguindo a explanação dos postulados teóricos que sustentam este trabalho, passemos agora à noção do *ethos*, um dos elementos-base de sustentação da tríade aristotélica, mas que de acordo com o interesse teórico da nossa pesquisa, vai seguir as considerações balizadas por Maingueneau¹⁹.

Comumente apontado como a imagem de si no discurso, ou seja, as imagens que fazemos de nós mesmos, de nossos interlocutores, mas também as imagens que eles fazem de nós, o *ethos* está presente desde a origem discursiva do locutor, pois influencia diretamente na elaboração de seu discurso, até na recepção desse ato, já que seus interlocutores elaboram uma imagem sua. Este conceito é crucial para a análise dos sujeitos que interagem com as charges, pois determina a imagem visada como marca persuasiva quando se tem, ou se quer ter, o controle desta imagem diante do outro.

Partindo de textos fundadores de Maingueneau, esboçamos algumas considerações sobre o *ethos* e seus desdobramentos inseridos em um quadro teórico da análise do discurso. Apesar de o autor falar sobre o *ethos* em várias de suas obras e artigos^{20 21 22}, nos detivemos, primordialmente, em sua obra de 2015 onde o autor reúne suas postulações sobre o *ethos*, ao fazer o seguinte trajeto: lembra as principais características do *ethos* retórico, fala da dificuldade que se põe quando se quer estabilizar a noção de *ethos* a fim de operacionalizá-la e, por fim, dá sua contribuição sobre a concepção do *ethos*.

¹⁹ Maingueneau, 1997; 2015.

²⁰ MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábolas Editorial, 2008a.

²¹ MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola, 2008b.

²² MAINGUENEAU, Dominique. *Ethos, cenografia e incorporação*. In: AMOSSY, Ruth (org.) *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2014.

Assim, as considerações de Maingueneau nos levam a um conjunto de traços teóricos os quais são úteis para a análise do *corpus* deste artigo, pois vão de encontro à nossa proposta de se identificar, em um quadro enunciativo, as vozes que se impõem no discurso das charges, auxiliando na constituição de imagens dos sujeitos enunciativos, portadores do discurso, enfim, fiadores da palavra.

Os fiadores das charges não são designados nem visíveis a não ser por suas assinaturas no desenho. Porém o texto “mostra” a imagem do produtor da charge através de seu discurso. Assim, o leitor é convocado a participar de sua opinião ou refutá-la, segundo suas convicções. A ativação do mundo *ethótico* se faz com base em estereótipos e saberes de crença que já estão incutidos no público que interage com as charges.

Em decorrência da realocação do *ethos* da retórica para a análise do discurso, reconhecemos que adaptações devem ser feitas, até para fins de operacionalização destes conceitos. Essa vantagem se contrapõe à dificuldade de se manipular a noção de *ethos* face às vicissitudes dos *corpora* aos quais ele pode ser aplicado. Em nosso caso específico, ganha-se em se trabalhar com o *ethos* coletivo dos chargistas, por exemplo, mas arrisca-se em projetá-lo grupo (s) ao (s) qual (quais) não se tem acesso direto devido a fatores culturais e geográficos. Assim, assumimos o risco de captar uma faceta do *ethos* (a autoapresentação nas charges) considerando esses fatores de distanciamento, mas que podem ser realocados também segundo nosso recorte teórico. Deste modo, um discurso que ecoa no imaginário sociodiscursivo francês pode aliar-se a ecos discursivos no contexto brasileiro, segundo dois fatores: alguns saberes de crença são universais e o trinômio proposto por Charaudeau²³, “emoção-norma-julgamento” do comportamento social, o qual pode ser balizado pelo parâmetro do grau de universalidade. Em outras palavras, emoções como a cólera, o amor e a compaixão são universais, estão presentes em qualquer sociedade e sua manifestação como norma pode levantar julgamentos sobre o sujeito.

Apesar das diferentes abordagens e possíveis divergências entre os autores que teorizam sobre o *ethos*, Maingueneau²⁴ afirma “[...] estar de acordo com alguns princípios mínimos [...] sem submeter o *ethos* a prejulgamentos no interior dessas disciplinas”. Os princípios mínimos que Maingueneau propõe são:

²³ Charaudeau, 2010, p. 25.

²⁴ Maingueneau, 2008a, p. 17.

- a) O *ethos* é uma noção discursiva. Nesse ponto Maingueneau considera o *ethos* como uma imagem produzida no discurso, não como uma imagem do locutor exterior a sua fala. Percebe-se, assim, que se trata de uma estratégia que Maingueneau²⁵ propõe que consiste em estabilizar o *ethos* retórico para torná-lo operacional no interior do quadro da análise do discurso.
- b) O *ethos* é um processo de interação que visa a influenciar o outro. Nesta perspectiva, o *ethos* se constrói no desenrolar das manifestações enunciativas e se predispõe ao jogo de intersubjetividades que acontece na hora da troca comunicativa.
- c) O *ethos* possui um caráter híbrido. Primeiro porque está associado a um comportamento socialmente avaliável e submetido a uma situação de comunicação precisa (caráter sociodiscursivo). Segundo, porque essa situação específica está integrada a uma conjuntura sócio-histórica.

Deste modo, Maingueneau acredita estar localizando a noção de *ethos* no interior da disciplina da análise do discurso e ao mesmo tempo sendo fiel às predisposições da retórica de Aristóteles, sem burlar os princípios básicos da disciplina à qual se inscreve.

Além disso, Maingueneau associa o reconhecimento e a aceitação do *ethos*, na percepção dos interlocutores, a índices liberados na enunciação de forma a reconhecermos uma “vocalidade” que pode se manifestar em uma multiplicidade de “tons” do discurso. Esse reconhecimento da vocalidade textual e seu tom vão delinear a figura de um fiador. O reconhecimento do fiador passa pela dinâmica da avaliação e julgamento sociais, pois está apoiada em situações estereotípicas do comportamento dos sujeitos, ou seja, essa noção remete ao que Charaudeau classifica como representações sociais, as quais dão sustentação aos imaginários sociodiscursivos. Passemos à

²⁵ Maingueneau, 2015, p. 12.

exposição dos pressupostos teóricos sobre o *logos*, segundo Amossy²⁶
27 28 29

4. O fator patêmico do *logos* como recurso argumentativo

Nesta seção, debruçamo-nos sobre a influência do *pathos* no funcionamento discursivo da polêmica, como estratégia persuasiva. Amossy³⁰ cita Plantin (1996) para o qual o discurso deve, além de ensinar, agradar e tocar. Para a autora “impor-se a razão não significa minar a vontade que autoriza a ação”, Amossy³¹, ou seja, considerar a emoção como fator de legitimidade da persuasão não compromete o valor argumentativo do ato linguístico.

A inscrição da argumentação no discurso é apontada pela autora em “As modalidades argumentativas do discurso”, Amossy³². Nesse texto, a autora propõe a integração das aquisições da retórica clássica e dos estudos argumentativos contemporâneos em prol da construção de uma teoria da argumentação no discurso. Para tal empreendimento, Amossy propõe modalidades argumentativas que traduzem os movimentos argumentativos da tese ou do ponto de vista do locutor para o auditório. Trata-se, segundo a autora, de tipos de trocas argumentativas que atravessam os gêneros do discurso e modelam as formas argumentativas num quadro tanto dialogal quando dialógico. Essas modalidades são divididas da seguinte forma: patética, polêmica, demonstrativa, pedagógica, de co-construção e negociada. Entretanto, vamos nos ater às duas primeiras por uma questão de espaço neste artigo e por serem mais abundantes em nosso corpus.

Modalidade patética: trata-se de tentar tocar o afeto do auditório, através de um discurso monogerado ou de um diálogo, em busca de obter adesão. Essa modalidade nos interessa mais de perto,

²⁶ AMOSSY, Ruth. A Espécie Humana, de Robert Antelme ou as modalidades argumentativas do discurso testemunhal. In: MACHADO, Ida Lucia; MENEZES, William; MENDES, Emília (orgs.) *As emoções no discurso*. v. 1. Rio de Janeiro: Lucerna. 2007, p. 252-271.

²⁷ AMOSSY, Ruth. As modalidades argumentativas do discurso. In: LARA, Gláucia. Muniz Proença., MACHADO, Ida Lucia; EMEDIATO, Wander (orgs.) *Análises do Discurso Hoje*. v 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2008, p. 231-254.

²⁸ AMOSSY, Ruth. *Apologia da polêmica*. São Paulo: Contexto, 2017.

²⁹ AMOSSY, Ruth. *A argumentação no discurso*. São Paulo: Contexto, 2018.

³⁰ Amossy, 2018.

³¹ Amossy, 2018, p. 196.

³² Amossy, 2008.

por motivos óbvios. Como exemplos de gêneros que convocam essa modalidade estão o apelo à ajuda humanitária, o discurso lírico, a defesa perante os jurados.

Modalidade polêmica: nesse tipo de modalidade, os adversários numa confrontação de teses antagônicas tentam convencer o outro ou um terceiro desabonando seu discurso, atacando-o, desmerecendo-o de alguma forma. Pode-se citar, como exemplo, a controvérsia filosófica, os debates midiáticos (como nos debates políticos) e muitos outros gêneros, já que a polemização está cada vez mais presente em nossa sociedade, especialmente com o alargamento da utilização das redes sociais.

5. Análise das charges

Obviamente, a análise discursiva que se propõe nesta seção para as charges retoma, em parte, alguns conceitos e categorias de análise apresentadas na seção dos pressupostos teóricos, que dá sustentação a todo o trabalho. Por isso, algumas reflexões teóricas reaparecem nesta seção correndo-se o risco de redundar.

Primeiramente, ainda que o jornal *Charlie Hebdo* obtenha alcance mundial em decorrência das facilidades que o ambiente virtual proporciona, reconhecemos que os produtores das charges compartilham de um mesmo universo social que seu público alvo, no caso os franceses (ou as pessoas que moram lá, já que grande tiragem do jornal é por via impressa). Portanto, para expressar suas posições morais e éticas e para externar seus pontos de vista e suas emoções, os chargistas e a redação do jornal como um todo sabem qual público querem atingir, pois estão condicionados às mesmas representações sociais e aos mesmos imaginários. Isso já predispõe uma orientação argumentativa mais afinada com os interlocutores ideais.

O jornal como instrumento de comunicação em massa, inserido no contexto midiático, sob a visada do *fazer-saber*, Charaudeau³³, tem uma função contestadora do *status quo* trazendo em sua composição discursiva uma gama de temas que devem ser questionados diante de um público supostamente crítico. Assim, as emoções surgem num contexto demarcado histórica, política e socialmente por movimentos de contestação, o que predispõe algumas patemias, especialmente aquelas que requerem uma atitude responsiva do interlocutor. Se pensarmos dessa maneira,

³³ CHARAUDEAU, Patrick. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, Ida Lucia; MELLO, Renato (orgs.). *Gêneros: reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004b. p. 13-41.

entenderemos que a popularidade alcançada por Charlie Hebdo é tributária dessa lógica. Deste modo, na próxima subseção, inseridos nesse contexto geral de circulação do jornal, buscamos detectar a presença de patemias, direta ou indiretamente aludidas nas charges.

A partir de um auditório ideal, presume-se como tocar seu afeto. Tal movimento pode ocorrer em diferentes planos da língua e do discurso. Começamos, então, pela clarividência dessas patemias via marcas do patêmico no plano formal de acordo com os critérios de Charaudeau³⁴, que nos fala de marcas-traços do patêmico, já explicadas na seção 2 deste trabalho. Para isso, vamos indicar as charges que atendem a essa categoria de percepção da emoção no discurso. A indicação se dá pelo número da charge que se encontra em anexo mais a frase em português, com a (s) palavra (s) patemizante (s) em itálico. Nas charges analisadas, verificamos as seguintes ocorrências:

a) palavras que, de antemão, sugerem um alto grau de patemização:

Charge nº 01 - “É duro ser amado por idiotas”³⁵;

Charge nº 05 – “O amor é mais forte que o ódio”³⁶

Charge nº 16 – “As escravas sexuais de Boko Haram em cólera”³⁷;

Charge nº 17 – “Tudo está perdoado”³⁸.

É claro que esses enunciados, mesmo contendo palavras que *a priori* já denotam alto índice patêmico, devem ser analisadas em seu contexto, de modo a desempenharem sua visada emotiva com mais plenitude. Todavia, como essas charges vão ser mais exploradas nas seções de análise sobre o *ethos* e o *logos*, detivemo-nos em exibir seus enunciados com a palavra patemizante, afinal esse primeiro passo de análise, além de alinhar-se à nossa poposta, serve exatamente para mostrar o potencial patêmico da palavra, mesmo que deslocada de seu contexto. Passemos ao segundo item elencado por Charaudeau. Nesse também a indicação se dá pelo número da charge que se encontra em anexo mais a frase em português com a palavra patemizante em potencial em itálico. Nas charges analisadas, verificamos as seguintes ocorrências:

³⁴ Charaudeau, 2010.

³⁵ No original: “C’est dur d’être aimé par des cons...”

³⁶ No original: “L’amour plus forte que la haine”

³⁷ No original: “Les esclaves sexuelles de Boko Haram en colère”

³⁸ No original: “Tout est pardonné”

b) palavras que não descrevem exatamente emoções, mas são potencializadoras de seu surgimento, pois pertencem a um campo semântico “vizinho”:

Charge nº 01 – “Maomé arrasado por fundamentalistas”³⁹;

Charge nº 02 - “À merda todas as religiões”⁴⁰;

Charge nº 08- “Assassinatos no Egito”; “Ele não para balas” (de revólver)⁴¹;

Charge nº 09 – “Eu sou o profeta, idiota!”⁴².

Nesses casos, o campo de atuação das emoções se expande à medida que abrimos também os critérios para sua detecção e análise. Isso porque, no segundo caso, a identificação se deu por limites semânticos fronteiriços em que se remete à emoção, porém se faz a partir de palavras que indiretamente suscitam sua relação com os termos identificados em itálico a partir de seu contexto sociocultural. Adicione os termos ao contexto, mais as características gráficas e imagéticas da charge e teremos situações patêmicas fortes.

c) O terceiro problema apontado por Charaudeau diz respeito ao fato de existirem “enunciados que não comportam palavras patemísantes” e que, portanto, a princípio, não nos ofereceriam possibilidade de produção de efeito patêmico:

Neste ponto, detectamos as pistas de emoção inversamente às charges que já analisamos, pois de uma forma ou de outra elas já indicaram patemização. Outra observação a ser feita é que como neste tópico as palavras não têm, inicialmente, nenhuma relação direta com a patemia, não destacamos nenhum termo de itálico, e sim nos pusemos a analisar cada caso em particular. Esses casos são suscetíveis de produzir efeitos patêmicos, desde que tenhamos *conhecimento da situação de enunciação*. Assim, encontramos as seguintes ocorrências: charges nº 03, 05, 06, 07 e 12 (cf. anexo).

³⁹ No original: “Mahomet débordé par les intégristes.”

⁴⁰ No original: “Aux chiottes toutes les religions.”

⁴¹ No original: “Tuerie en Égypte”, “Ça n’arrête pas les balles”

⁴² No original: “Je suis le prophète, abruti!”

Vamos à contextualização sucinta de cada uma e sua possível emoção correspondente.

Na charge nº 03 (cf. anexo), há uma crítica ao conjunto de leis radicais islâmicas através de um trocadilho de *sharia* com Charlie, a partir da fala do personagem que ameaça com cem chicotadas (alusão à punição aplicada geralmente a quem infringe o conjunto de leis) àquele que não morrer de rir. Na charge nº 05 (cf. anexo), há um homem de turbante numa cadeira de rodas sendo empurrado por um judeu ortodoxo. Há uma frase também que diz: "Não ria!" ou "Não zombe!" e faz referência ao filme *Intocáveis*, sucesso de bilheteria do cinema francês.

Na charge nº 06 (cf. anexo), através de uma linguagem metalinguística e um movimento de associação entre o provérbio e o humor, o autor da charge inflama as relações do jornal francês com seus detratores. O uso do provérbio "*jeter de l'huile sur le feu*", algo que na língua portuguesa corresponde a "jogar lenha na fogueira", serve para indicar metaforicamente qual seria a função do humor no contexto do jornal. Do lado direito do desenho com o provérbio, há uma página em branco com uma tarja vermelha na diagonal contendo o enunciado "*journal responsable*" (jornal responsável) e no topo, em outra tarja vermelha, o enunciado "*Fini de rire*" (Fim do riso!), aludindo ao fato de que para o jornal ser responsável, ele não deve publicar nada e, em consequência, teríamos o fim do riso.

Na charge nº 07 (cf. anexo), faz-se uma sátira à Santíssima Trindade em alegoria ao casamento homoafetivo. A última charge, nº 12 (cf. anexo), trata da tragédia sobre o atentado terrorista em Barcelona ocorrido em 17 de agosto de 2017, com 13 vítimas fatais. Sobre este fato, há uma caricatura de pessoas atropeladas com o seguinte enunciado: "Islã, religião de paz... eterna!⁴³".

O que há em comum em todas essas charges é que seu vocabulário não apresenta, pelo menos à primeira vista, relação com efeitos patêmicos. Tais palavras evocam, no entanto, emoções diversas por estarem inseridas num contexto onde a patemia vai ser acionada por fatores contextuais dentro da situação de comunicação. Sua organização verbal (auxiliada pela linguagem não verbal) pode suscitar emoções responsivas como a *cólera* e a *indignação*, principalmente por estarem quase todas inseridas no contexto religioso, o que contradiz a regra social de que "com religião não se brinca".

Um dos motivos para o surgimento desses possíveis efeitos é que, ao apresentar os fatos do mundo real atendendo a uma perspectiva textual do gênero charge e, algumas vezes, apelando ao

⁴³ No original: "Islam, religion de paix...éternelle!"

humor, o jornal oferece a possibilidade de zombar da religião alheia. Em resumo, o vocabulário dessas charges não desperta patemias em si, mas abre um mundo patêmico de reivindicação por respeito à diversidade religiosa, por limites nas fronteiras humorísticas. Entretanto, Charlie Hebdo não se curva diante desses limites.

Finalizamos aqui nossa análise sobre as emoções visadas em Charlie Hebdo e passamos, a partir de agora, a analisar o jogo de imagens que compõe o jornal (seus *ethé*) e na seção seguinte, analisamos a presença do teor argumentativo ocasionado pelo *logos*. Salientamos, no entanto, que nada impede que falemos das emoções nas outras seções, uma vez que, como já foi dito na introdução, *pathos*, *logos* e *ethos* estão numa relação de consubstancialidade, ou seja, são inseparáveis. Além disso, nossa incursão sobre o *pathos* permeia todo o trabalho direta ou indiretamente, pois o escolhemos como objeto de pesquisa.

5. Manifestações *ethóticas* de Charlie Hebdo

Antes de iniciarmos a análise das imagens dos interlocutores das charges do Charlie Hebdo, é importante esclarecer que a construção destas imagens são o resultado da interpretação do material verbal e não verbal que compõem as charges. Sua materialidade verbal está ancorada no suporte jornalístico, portanto elas desenvolvem sua *mise en scène* linguística obedecendo às restrições deste tipo de contrato. Assim, os limites físicos do jornal (ainda que na modalidade eletrônica) delinham a quantidade de informação a ser divulgada dentro daquele espaço, sem margens para textos prolixos, desenhando assim uma orientação para a apresentação da imagem de Charlie Hebdo.

Deste modo, a concepção de *ethos* aqui adotada relaciona-se com a noção de discurso diretamente, pois acreditamos que, na perspectiva linguística e, em especial, para a Análise do Discurso, o *ethos* é construído a partir de índices discursivos que dão orientação ao processo de percepção da imagem de si mesmo (para a apresentação ao outro) e percepção da imagem do outro, além da ideia que se faz sobre o que o outro vai pensar (portanto criar uma imagem) sobre nós.

Essas imagens se confirmam, se concretizam no texto, entretanto essa confirmação ou refutação *pode ser relacionada a dados ou imagens exteriores preexistentes*, ou seja, antes do texto há pistas que vão orientando a imagem que construiremos do sujeito antes mesmo de ele enunciar. Assim, não se pode desvincular as imagens que os chargistas projetam sobre seu público, nem seus

desdobramentos, ficando elas (as imagens) condicionadas àquilo que está subscrito nas charges e em todo seu entorno (pré) discursivo e histórico.

Isso nos mostra que podemos afirmar que a construção do *ethos*, embora complexa, advém de vários fatores que se desenrolam antes, durante e depois do momento da enunciação. Não há como negar a construção do *ethos* desde sua anterioridade à enunciação até a ratificação ou retificação pós-enunciativa. Portanto, as imagens que os interlocutores de Charlie Hebdo fazem do jornal começam a se delinear pelo *ethos* pré-discursivo (ou *ethos* prévio). A encenação discursiva das charges confirma ou rejeita aquilo que foi construído antes mesmo do jornal chegar às bancas. O *ethos* é dinâmico, interacional, ele compõe um jogo de imagens que se espelham e se alternam o tempo todo, no liame da enunciação.

Há ainda que se considerar algumas dificuldades em relação a atribuição das imagens éticas e enunciados aos seus respectivos sujeitos do gênero charge. Se considerarmos o chargista e sua posição profissional que, normalmente, tem alinhadas suas ideologias ao posicionamento político do jornal, percebemos que sua identidade se funde às dos demais colegas de trabalho (outros chargistas) que, por sua vez, se dobram à identidade jornalística (institucional) de Charlie Hebdo em prol de uma homogeneidade discursiva, aquilo que vai nos dizer qual é a “cara” do jornal. Esse *ethos* específico do jornal não corresponde exatamente ao *ethos* que construiríamos do jornalista, caso o conhecêssemos em particular. Por este motivo, podemos classificar o *ethos* de Charlie Hebdo como coletivo, representativo de um sujeito composto.

Essa pluralidade enunciativa do produtor do ato comunicativo não é incomum. Em comunicações direcionadas ao público, geralmente o sujeito se encontra diluído na figura de mais de um enunciador, principalmente em casos de corporações em que a autoria dos discursos não encontra fonte ou endereçamento únicos, já que em sua produção o discurso pode representar a (s) voz (es) daquele grupo e buscar seu correspondente no público, cujo denominador comum é difícil de se atingir. Assim, quando usarmos o termo chargista, estamos falando de uma voz que se enuncia unívoca, mas que recobre e representa o jornal como um todo.

6. O *logos* como recurso argumentativo em Charlie Hebdo: as modalidades patética e polêmica e seus registros

Estas modalidades têm a ver com o fato de o locutor apresentar uma tese ou um ponto de vista de modo a “tocar” o auditório para obter sua adesão, no caso da modalidade patética, enquanto a

segunda, a modalidade polêmica, visa à superação da posição adversária. O meio de tocar o auditório ou de jogar com seus imaginários a fim de polemizar vai ser conduzido pelo registro discursivo, através de “um tom e uma maneira de dizer”, Amossy⁴⁴. Posto assim, pode-se detectar as modalidades patética e polêmica através de nossa percepção sobre os índices linguísticos, os quais aparecem no material verbal circunscrito nas charges de diversas formas, ou seja, sob variados registros.

Em nosso *corpus*, detectamos a modalidade argumentativa patética nas seguintes charges: n^o 01, 04, 10 e 11 (cf. anexo). Em todas elas notamos que sua estrutura discursiva global requer uma espécie de troca argumentativa, pois apela para uma tese cujo eixo motivador é emotivo e polêmico.

Na charge n^o 01 (cf. anexo), percebe-se o apelo de Maomé ao lamentar ser amado por idiotas (*cons*). O enunciado que precede sua fala sinaliza para um estado emocional crítico em que o profeta estaria arrasado (*débordé*) por ser amado por tal grupo. Assim, sua orientação patética apela para uma lamentação e frustração profundas. Em sua estrutura, tanto verbal quanto não verbal, também podemos observar a modalidade polêmica, uma vez que o material que compõe a charge gira em torno da representação do profeta Maomé, algo inaceitável segundo a interpretação de alguns fundamentalistas, e do assunto religião através do registro discursivo de humor. Esse registro se comprova pela fala do profeta (algo também inimaginável de ser proferido por ele), pelo enunciado ao lado, chamando alguns fiéis de fundamentalistas, e pelo material não verbal, a figura jocosa de Maomé com as mãos no olho, dentes cerrados e aparência de decepção. Mas o registro não é apenas humorístico, há agressividade nas palavras “idiotas” e “fundamentalistas” que possuem tom pejorativo. Nas palavras de Amossy⁴⁵, esses termos servem para marcar e “[...] nomear o tom e o estilo agressivos que caracterizam a tomada de turno”. O tom pejorativo do uso das palavras mencionadas marca, portanto, um registro duplo: o polêmico e o patético, este último aludindo à raiva, à indignação, à inconformidade, à frustração do profeta.

Na charge n^o 04 (cf. anexo), a modalidade patética é ainda maior. Há um grande apelo à tomada de partido em defesa de uma causa que põe acima de todo obstáculo o amor. A legenda acima de dois personagens masculinos se beijando na boca diz: “O amor é mais forte que o ódio”⁴⁶. As modalidades argumentativas patética e

⁴⁴ Amossy, 20008, p. 238.

⁴⁵ *Ibid*, p. 238.

⁴⁶ No original: “L’amour plus fort que la haine”

polêmica aqui estão presentes no plano escrita e no plano imagético dos personagens masculinos que se beijam calorosamente. Porém a polêmica se reforça já que um dos personagens é identificado como um chargista do jornal, o qual veste uma camisa preta escrito Charlie Hebdo em letras brancas e o outro é um mulçumano vestido a caráter. O registro patético se alinha ao polêmico, ao colocar dois sentimentos antagônicos e a afronta à religião como mote do enunciado.

Na charge n^o 10 (cf. anexo), as modalidades patética e polêmica se equilibram em torno da questão da perda de direitos por parte das mulheres refugiadas da Nigéria que vivem na França, as quais recebiam auxílio financeiro do governo francês. Todas juntas em tom de raiva gritam (as letras maiúsculas denotam grito, na diagramação das charges): “Não mexam nos nossos benefícios!”⁴⁷. A legenda acima de suas falas diz: “As escravas sexuais de Boko Haram em cólera”⁴⁸. A orientação dos enunciados vai de encontro à polêmica de se conceder benefício ou não às mães que foram abusadas sexualmente em outro país pelo grupo radical islâmico (Boko Haram) e possui uma carga emotiva potencialmente grande, fazendo emergir a modalidade patética.

Os registros correspondem a suas modalidades atendendo tanto à argumentação patética quanto à polêmica. A primeira evidencia-se a partir de índice patêmico explícito; a palavra cólera, e implícitos; as expressões “escravas sexuais” e o imperativo negativo “não mexam” abrem um mundo patêmico de compaixão e cólera, respectivamente. Além disso, o teor patêmico é complementado pelas figuras das mães com semblante de raiva. A segunda evidencia-se pela aspereza e contextualização das mesmas palavras que estão associadas ao registro patético, pois ao mesmo tempo que denotam cólera e compaixão pela exploração sexual, abrem possibilidade para a polemização dos assuntos tratados na charge no âmbito político e social.

Na charge n^o 11 (cf. anexo), as modalidades patética e polêmica estão associadas, em especial, ao maior atentado ocorrido contra a sede do jornal em 07 de janeiro de 2015. A charge é uma resposta e um apelo à paz, evidenciado pelo enunciado: “Tudo é perdoado”⁴⁹ e na placa que a personagem segura “Eu sou Charlie”⁵⁰. Este último faz referência à campanha espontânea, que tomou conta da França e do mundo, em solidariedade às vítimas do atentado ao jornal. A orientação à modalidade argumentativa patética é evidente, pois o

⁴⁷ No original: “Touchez pas à nos allocs”

⁴⁸ No original: “Les esclaves sexuelles de Boko Haram en colère”

⁴⁹ No original: “Tout est pardonné”

⁵⁰ No original: “Je suis Charlie”

tom da charge é de pedido de paz e perdão diante da tragédia que antecedeu a sua publicação. A modalidade polêmica aparece em torno do fato de quem está pedindo essa trégua seja o profeta Maomé, líder supremo do Islã, religião da qual os executores do atentado dizem fazer parte. O registro é patético e aparece no enunciado “Tudo é perdoado”, evocando um pedido de compaixão, pena e solidariedade.

7. Considerações finais

A respeito da atuação das emoções nos discursos, vimos que ela está amalgamada com outros elementos e que para sua detecção é necessária a mobilização de várias manobras teórico-metodológicas. No contexto das charges, por exemplo, as emoções desempenham papéis que demandam a análise conjugada ao *ethos* e ao *logos* para no fim se obter sucesso no projeto de persuasão do interlocutor. A partir da análise de nosso *corpus* entendemos que as emoções são primordiais não só para a busca pela adesão ao discurso, mas para a geração de efeitos diversos que vão além do emocionar. Através delas pode-se regular o nível e o tipo de interação que queremos ter com nossos interlocutores. Por exemplo, podemos jogar com o *pathos* a fim de nos aproximar do interlocutor, podemos também nos afastar, argumentar, isentar dentre outras possibilidades.

Além disso, vimos que as emoções estão estreitamente ligadas a noções que giram em torno das representações sociais, dos imaginários sociodiscursivos, incluindo os estereótipos, clichês e saberes de crença que subjazem e sustentam esses elementos. A partir dessas noções, percebemos que algumas emoções por se sustentarem nas representações sociais, surtem efeitos diferenciados em quando são projetadas para outro público. Prova disso é que algumas charges de Charlie Hebdo não fazem muito sentido se veiculadas em nossa realidade discursiva. As charges que tratam de temas relacionados ao caráter de um povo, por exemplo, ou que apelam ao reconhecimento de uma virtude, podem sofrer variação de efeito na contramão do contexto social.

Vimos também que as emoções podem se associar com outras modalidades argumentativas ou registros discursivos, como a polêmica, a fim de orientar o olhar o interlocutor para uma interpretação específica. Enfim, há uma gama de possibilidades que o mercado das teorias nos oferece a esse respeito. O fato é que o discurso emotivo não pode mais nos passar despercebido, a menos que fechemos os olhos a ele e caímos na fantasia de um discurso apático.

Referências

AMOSSY, Ruth. A Espécie Humana, de Robert Antelme ou as modalidades argumentativas do discurso testemunhal. In: MACHADO, Ida Lucia; MENEZES, William; MENDES, Emilia (orgs.) *As emoções no discurso*. v. 1. Rio de Janeiro: Lucerna. 2007, p. 252-271.

AMOSSY, Ruth. As modalidades argumentativas do discurso. In: LARA, Glaucia. Muniz Proença., MACHADO, Ida Lucia; EMEDIATO, Wander (orgs.) *Análises do Discurso Hoje*. v 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2008, p. 231-254.

AMOSSY, Ruth. *Apologia da polêmica*. São Paulo: Contexto, 2017.

AMOSSY, Ruth. *A argumentação no discurso*. São Paulo: Contexto, 2018.

BBC BRASIL. Charlie Hebdo: sátiras escrachadas são marca de revista atacada. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/01/150106_perfil_revista_ru. Acesso em 25 abr. 2015.

BBC notícias. Por que as charges de Maomé causam tanta revolta? Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/01/150114_publicar_charge_charlie_hebdo_rb. Acesso em 25 abr. 2015.

CHARAUDEAU, Patrick. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, Ida Lucia; MELLO, Renato (orgs.). *Gêneros: reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004b. p. 13-41.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006b.

CHARAUDEAU, Patrick. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: MACHADO, Ida Lucia; MENDES, Emilia (orgs.) *As emoções no discurso*. v. 2. 2010, p. 23-56.

ELSTER, Jon. Rationalité, émotions et normes sociales. In: PAPERMAN, Patricia.; OGIEN, Ruwen. (orgs.) *La couleur des pensées: sentiments, émotions, intentions*. Paris: Ehes, 1995, p. 33-64.

GGN. O jornal de todos os Brasis. *Para entender as sátiras e as charges do Charlie Hebdo*. Disponível em: <https://jornalggm.com.br/noticia/para-entender-as-satiras-e-as-charges-do-charlie-hebdo>. Acesso em 29 jan. 2017.

HEBDO, Charlie. Disponível em: <https://charliehebdo.fr/>. Acesso em 20 out. 2016.

LIVET, Pierre. Évaluation et apprentissage des émotions. In: PAPERMAN, Patricia.; OGIEN, Ruwen. (orgs.) *La couleur des*

pensées: sentiments, émotions, intentions. Paris: Ehess, 1995, p. 119-143.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Editora Pontes, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábolas Editorial, 2008a.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola, 2008b.

MAINGUENEAU, Dominique. *Ethos*, cenografia e incorporação. In: AMOSSY, Ruth (org.) *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2014.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do *ethos*. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (orgs.). *Ethos Discursivo*. São Paulo: Contexto, 2015, p. 11-29.

PASSA PALAVRA, Jornal. *Entendendo as charges do Charlie Hebdo*, disponível em: <http://passapalavra.info/2015/10/106313>. Acesso em 01 jun. 2018.

PLANTIN, Christian. As razões das emoções. In: MENDES, Emília; MACHADO, Ida Lucia (orgs.). *As emoções no discurso*. v. II. Campinas: Mercado das Letras, 2010, p. 57-80.

PLANTIN, Christian. *Les bonnes raisons des émotions*: principes et méthode pour l'étude du discours émotionné. Bern: Peter Lang. 2011a.

VEJA, Revista. Blog Reinaldo Azevedo. *Charlie Hebdo, alvo de ataque terrorista em janeiro, faz uma capa genial sobre a tragédia*. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/charlie-hebdo-alvo-de-ataque-terrorista-em-janeiro-faz-uma-capa-genial-sobre-a-tragedia/>. Acessado em 01 jun. 2018.

Anexos:



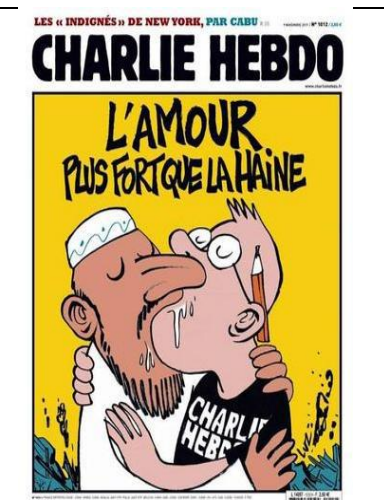
Charge n° 01 - Capa do jornal Charlie Hebdo, n° 712 (edição especial), de 05/02/2006.



Charge n° 02 – Capa do Jornal Charlie Hebdo, n° 983, de 20/04/2011



Charge n° 03 - Capa do Jornal Charlie Hebdo, n° 1011, de 02/11/2011



Charge n° 04 - Capa do jornal Charlie Hebdo, n° 1012, de 09/11/2011.

